

A "Ciência Sexual Moderna" e as "Verdades" sobre o sexo¹

The "modern sexual science" and the "truths" about sex

Roselane Neckel²

Resumo

Nesse artigo nossa intenção é marcar as diferenças entre o que aparece nos Relatório Kinsey, Masters & Johnson e Hite e o que é publicizado sobre “ sexualidade” pelas revistas de “ comportamento , como se convencionou chamar aquelas que traziam em seus artigos, entre outras preocupações, a de orientar seus leitores em torno da sexualidade e do relacionamento conjugal diante das mudanças advindas, conforme apresentado na revista, com a “ revolução sexual” e o debate público sobre a “ Lei do Divórcio” no Brasil, no final dos anos 1960 e durante os anos 1970.

Palavras-Chave: Sexualidade. Revistas Femininas. Ciência Sexual Moderna.

Abstract

In this article, our intention is to mark the differences between what appears in the Kinsey, Masters & Johnson and Hite Reports and what is published about “ sexuality” by “ behavior magazines” , as it was conventionally called those that brought in their articles, among other concerns , to guide its readers around sexuality and the marital relationship in view of the changes that came about, as presented in the magazines, with the “ sexual revolution” and the public debate on the “ Divorce Law” in Brazil, in the late 1960s and during the 1970s.

Keywords: Sexuality. Feminine Magazines. Modern Sexual Science.

Nos anos de 1970, houve um sensível aumento do número de publicações de revistas de “ comportamento” , como se convencionou chamar aquelas que traziam em seus artigos, entre outras preocupações, a de orientar seus leitores em torno da sexualidade e do relacionamento conjugal diante das mudanças advindas com a “ revolução sexual” ou “ liberação sexual” e o debate público sobre a Lei do

¹ O artigo foi extraído de minha tese de doutorado, defendida em 2004, intitulada *Pública Vida Íntima: a sexualidade nas revistas femininas e masculinas (1969-1979)*.

² Professora do Departamento de História da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Divórcio.³ Nestas revistas, optamos por apreender o espaço que a imprensa ocupou na produção e divulgação de modelos de relacionamentos sexuais entre homens e mulheres nesse período. Levando em conta seu caráter de produção cultural e seu lugar como importante dispositivo no processo de educação emocional e sexual de homens e mulheres.

Entre as revistas publicadas em 1970, pesquisamos *EleEla*, *Nova*, *Pais & Filhos*, *Homem*, *Playboy* e *Homem—a revista do Playboy*, na Biblioteca Nacional e a revista *Cláudia*, na Biblioteca da Associação Brasileira de Imprensa, ambas localizadas no Rio de Janeiro.⁴ Estas revistas eram compradas nas bancas, e lidas por vários homens e mulheres, especialmente das classes médias, nos anos de 1970. A revista *EleEla*, em 1975, tinha 973.300 leitores/as (*EleEla*, ago/set,1975), enquanto a *Revista Playboy* tinha 635.000, em 1977, e 875.000 em 1978 (*Playboy*, ago,1978). A revista *Claudia* tinha uma tiragem mensal de 380.000 mil exemplares, e *Nova* 200.000, em setembro de 1979 (NEHRING, 1981, p. 103-108). Consideramos que a existência desse acervo e o número de leitores/as são significativos, acerca da importância das revistas na

³ Acompanhamos nas revistas a discussão sobre os problemas e as vantagens da constituição de uma lei favorável ao divórcio no Brasil. Em 26 de dezembro de 1977, a Lei nº 6.515 instituiu o divórcio e a dissolubilidade do vínculo matrimonial no Brasil, permitindo novos casamentos.

⁴ Referência das revistas e o período pesquisado: *Cláudia*. São Paulo: Editora Abril, out. 1961 (1969-1978); *Nova*, ano 1, n.1, São Paulo: Editora Abril, set. 1973 (1973-1979); *Homem—a revista do homem*, ano 1, n.1., São Paulo: Editora Abril, ago. 1975 (1975-1978); *Playboy*, São Paulo: Editora Abril, ago. 1975 (1978-1979). *Pais & Filhos— a revista mensal da família moderna*, Rio de Janeiro: Bloch Editores, set.1968 (1970-1977); *EleEla- a revista para ler a dois*, ano 1, n.1. Rio de Janeiro: Bloch Editores, maio

constituição das subjetividades emocionais e sexuais de homens e mulheres nos anos de 1970.

Nestas revistas, o sexo não era mais um assunto “ reprimido” , a “ educação sexual” passou a ser apresentada como uma necessidade na busca pela felicidade do “ casal” . Entretanto, a “ revolução sexual” em debate nas revistas foi proposta nos limites da preparação para o matrimônio e na manutenção do casamento. A durabilidade do casamento não se baseava mais no amor e na amizade entre os cônjuges, mas no “ prazer sexual” que um propiciava ao outro. Nesse processo, observa-se a divulgação de informações sobre como manter o casamento e de que maneira alcançar a “ perfeita adequação sexual” , que de acordo com os conceitos da psicologia ou da psicanálise, que eram apresentados nas revistas, era o “ verdadeiro” indicativo de felicidade conjugal.

Uma das constantes nos textos foi a associação entre vida sexual do casal e as publicações que tratavam de ensinar a “ arte de amar” em poucas lições” . Concomitante à liberação sexual, impondo novas formas de sedução, define-se o que é “ pra frente” ou atualizado e o que é ultrapassado, demonstrativo de formas de poder que buscavam transformar o comportamento dos indivíduos através de investimentos que não têm a forma de controle e repressão, mas de controle-estimulação

1969 (1969-1980); *Homem – a revista do playboy*, ano 1, n.1, São Paulo: Ideia Editorial, set. 1978 (1978-1979).

(FOUCAULT, 1988, p.59-63).⁵ Os saberes da “ sexologia moderna” se constituem na matriz discursiva de múltiplas produções discursivas que são visibilizadas pelos diferentes meios de comunicação e instituições que legitimam as investigações e intervenções no corpo e na sexualidade dos indivíduos, de acordo com as mais recentes descobertas e procedimentos científicos. Nesse contexto a sexualidade foi se dissociando da “ reprodução” , e as investigações científicas passaram a objetivar a “ fisiologia do prazer” e as “ melhores” técnicas para alcançar o orgasmo. Inicialmente, os artigos apresentavam os problemas de adequação sexual no casamento e suas possíveis soluções, mas não eram tão frequentes os assuntos sobre como “ alcançar o orgasmo” , “ os benefícios da masturbação” , o que é orgasmo, o

⁵ Segundo Michel Foucault, o lócus de emergência de uma preocupação com a proximidade dos corpos, fruto do crescimento demográfico intenso nas grandes cidades e a preocupação com o contágio de doenças, epidemias e pandemias que exigiram uma arquitetura urbana e um quadriculamento do corpo doméstico, aliado ao processo de diferenciação da burguesia da aristocracia, produziram métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo humano– as disciplinas. O corpo “ está diretamente mergulhado num campo político” , em que a multiplicidade de discursos constitui uma teia discursiva que marca os corpos dos indivíduos em seus cotidianos e em sua relação com o coletivo social, relações complexas que estão intimamente conectadas ao exercício do poder. A sujeição dos indivíduos não é obtida através da repressão violenta, mas através de instrumentos multiformes, sutis, que agem sobre os corpos, tornando alvo de um investimento tecnológico, político e discursivo – uma tecnologia política do corpo. Primeiro para constituir o corpo-máquina adestrado para ampliação de sua força produtiva. Depois a partir do século XVIII o controle do corpo – espécie – a população. Inicia-se a era de uma biopolítica da grande população, fruto do crescimento demográfico, que vai dar lugar a técnicas de organização e controle da população. E, por último, admitindo a importância do corpo como um diferencial de classe, estabelecendo uma “ cultura do corpo burguês” fundamentada na higiene desse corpo e a higiene no ambiente onde seus corpos circulam. Constitui-se a “ política do sexo” firmando a necessidade de regular o sexo por meio de discursos úteis e não pelo rigor de uma proibição.

que é o clitóris ou como “ conquistar uma mulher” , incluindo-se a manipulação clitoriana.

A sexualidade é cada vez mais dissociada das relações sexuais ligadas a procriação e à família, abrindo um espaço cada vez maior ao controle da reprodução pelos métodos anticoncepcionais. Aos métodos tradicionais de evitar a gravidez, como o coito interrompido, foram acrescentadas possibilidades mais modernas como a pílula anticoncepcional. Nos discursos médicos a sexualidade passava a ser dissociada dos cuidados com a responsabilidade do cidadão, com a reprodução. A sexualidade como propriedade individual a ser explorada e ampliada através das modernas técnicas científicas foi muito acentuada pela ciência e pela divulgação da mídia.

Compreendemos que esse registro é importante para mostrar que tal debate não é específico das revistas, mas que faz parte de um movimento mais amplo de ascensão da sexualidade como um componente central nas relações sociais e entre os indivíduos, cuja influência é flagrante nas representações midiáticas. O que também é demonstrado pelo aumento de especialidades científicas, como a psicologia, a sociologia e a sexologia, que tomaram o lugar da medicina social nas produções discursivas em torno dos problemas sexuais contemporâneos. Na Europa e nos Estados Unidos, tornaram-se comuns pesquisas que se baseavam no

O saber e saberes produzidos sobre os corpos incidem sobre os indivíduos forjando seus comportamentos sem eles perceberem.

questionamento da opinião pública sobre a vida sexual ou em estudos da fisiologia através da utilização de voluntários para o conhecimento do funcionamento do corpo de homens e mulheres, durante o relacionamento sexual. A base desses novos entendimentos eram a ênfase na anatomia e na fisiologia do corpo humano para a resolução dos “ problemas sexuais” .

Amplia-se uma “ scientia sexualis” , utilizando a expressão foucaultiana, em que a “ verdade do sexo” se constitui a partir da exposição da intimidade dos indivíduos pela “ confissão” . Desde a Idade Média, como faz questão de lembrar Foucault, “ pelo menos nas sociedades ocidentais, a confissão é um dos rituais mais importantes de que se espera a produção de verdade” (FOUCAULT, 1988, p. 59). Para Foucault, “ a confissão foi e permanece ainda hoje a matriz geral que rege a produção do discurso verdadeiro sobre o sexo” (FOUCAULT, 1988, p. 63). A ciência sexual desenvolvida a partir do século XIX baseou-se no dispositivo da confissão e da análise clínica. Nesse processo da produção da verdade o sexo é tratado como se houvesse um segredo, tudo que é dito sobre o sexo precisava ser esclarecido e iluminado. Dessa forma, “ ele se tornou o objeto de grande suspeita” , mesmo a verdade que foi confessada é decifrada pelos ouvintes (cientistas) que dizem a sua verdade liberando o que estava oculto. Através dos procedimentos da confissão em formas cientificamente aceitáveis, a sexualidade foi sendo definida como possível de ser analisada e como alvo de intervenções terapêuticas.

Essas verdades não devem ser vistas de forma ideológica, baseada na dualidade entre o falso e o verdadeiro, mas como produto de um processo de produção constituído em meio a relações de poder/saber, situando suas validades segundo contextos espaciais e culturais, dentro de uma época histórica⁶.

Nesse sentido, a modernidade então se define confrontando as verdades do passado com as novas verdades. Nas revistas essas verdades são apresentadas como “ erros” e “ contradições” confrontadas aos conhecimentos e às informações advindas das pesquisas científicas em torno da sexualidade, legitimadas “ cientificamente” como a “ verdade” do sexo. Esses estudos ampliaram o entendimento da compreensão objetiva do corpo e de suas funções sexuais e influenciaram a formação e a prática profissional de muitos “ terapeutas sexuais” e sexólogos nos anos 1970.⁷

A questão do sexo continuava ligada à “ verdade” , mas de uma maneira nova esta verdade se constitui tanto pelas autoridades médicas como pela opinião pública. O sexo tornou-se um dos tópicos favoritos de discussão pública, também promovida pela esfera pública. Os aspectos sexuais da vida íntima antes restritos aos livros médicos ou manuais sexuais foram expostos a um público mais amplo

⁶ Convém ressaltar que além das obras de Michel Foucault foram inspiradores para essas considerações as análises de Tito Sena (2001), em sua dissertação de mestrado *Uma análise dos discursos sobre o corpo e gênero contido nas enciclopédias sexuais publicadas no Brasil nas décadas de 80 e 90*.

⁷ Entre os mais conhecidos, podemos citar: Carmem da Silva (Cláudia), Dr. Ivan Mourão Dias (Coluna Amar Melhor/Cláudia), Flávio Gikovake (citado nas revistas), Paulo Gaudêncio (citado nas revistas), Marta Suplicy (Cláudia).

através da Imprensa. A vida conjugal, foi erotizada e as “ perversões” foram suavizadas, dando lugar a termos como “ preconceitos” e “ proibições antiquadas” .

A ênfase na liberdade e na escolha pessoal dos indivíduos foi acompanhada por um relativismo sobre o que é “ normal” e “ anormal” nas práticas sexuais. As pesquisas realizadas ao mesmo tempo que mostravam outras experiências sexuais, em que a “ verdade” era diferente para pessoas diferentes, também produziam “ verdades” que foram divulgadas pelos psicólogos, sociólogos, sexólogos e pelos meios de comunicação de forma normativa.

Os articulistas das revistas, ao recodificarem as informações numa linguagem sobretudo visual, muitas vezes descaracterizavam-na, contribuindo para modificar seus significados e sentidos. Nesse contexto, em que a compreensão dos comportamentos dos outros e de si mesmo torna-se um produto a ser consumido, determinados recortes feitos nas obras recodificaram seus sentidos e intensificaram suas proposições como regras a serem seguidas pelos sujeitos.

Nas revistas que pesquisamos, percebemos que a sexualidade era discutida através de artigos que se baseavam nos conhecimentos produzidos pelos pesquisadores americanos, sobre experiências sexuais realizadas nos Estados Unidos. Sua apresentação representava a validade do assunto tratado, fundamentando-se como uma verdade inquestionável e absoluta que encerrava a discussão. A masturbação, a virgindade, o coito anal ou oral, práticas sádico-masoquistas surgiram

como temas polêmicos e de debate. As novas informações foram sendo publicizadas e confrontadas com os temas que foram colocados como “ tabus do passado” .

O *Relatório Kinsey*: o comportamento sexual humano

A primeira pesquisa baseada na opinião de voluntários foi publicada pelos membros do Instituto de Pesquisas Sexuais da Universidade de Indiana nos Estados Unidos, que ficou conhecida mundialmente como *Relatório Kinsey*. A pesquisa foi iniciada em 1938 por Alfred Kinsey e seus primeiros resultados foram publicados nos Estados Unidos, em 1948, no livro intitulado *A conduta sexual do homem* e em 1953 *A conduta sexual da mulher*.⁸

Guillebaud afirma que o *Relatório Kinsey* é a “ versão liberal e anglo-saxã da utopia proposta por Wilhelm Reich” . (GUILLEBAUD, 1999, p. 140). Consideramos que essa afirmativa pode ser feita em relação à significação fisiológica que a liberação da energia sexual dos indivíduos representa para uma boa saúde física e psicológica dos indivíduos. É o que observamos ao analisar a significação da masturbação feminina:

⁸ Cabe informar que em nossa pesquisa não conseguimos encontrar a tradução para o português do relatório sobre a conduta sexual do homem, por isso utilizaremos a referência completa dada por Jean Claude Guillebaud: KINSEY, Alfred, POMEROY, Wardell B., MARTIN, Clyde E., GEBHARD, Paul H. et alli. *Le Comportment sexuel de l' homme*. França: Ed. du Pavois, 1948. Apud GUILLEBAUD (1999, p. 140). Encontramos na biblioteca da Universidade Federal de Santa Catarina o relatório referente a *Conduta Sexual da Mulher*. Em nosso estudo vamos fazer referência ao conteúdo do relatório referente a sexualidade da mulher porque era citado nas revistas. Ao relatório masculino raramente fazia-se referências. KINSEY, Alfred, POMEROY, Wardell B., MARTIN, Clyde E., GEBHARD, Paul H. et alli. *Conduta sexual da mulher*. Rio de Janeiro: Livraria Atheneu S/A, 1954.

Significação fisiológica. Quase todas as mulheres se masturbam a fim de obter satisfações imediatas e como meio de resolver perturbações fisiológicas que surgem quando são excitadas sexualmente e os costumes sexuais as impedem de ter contatos sócios- sexuais (KINSEY, 1954, p. 193).

Entretanto, distintamente de Reich, para justificar o estudo da masturbação feminina e outros temas polêmicos, diante daqueles mais reticentes, enfatizava-se sua importância social por “ afetar o ajustamento sexual dos indivíduos no casamento” (KINSEY, 1954, p. 193). O destaque dado aos desajustes sexuais como responsáveis pelo grande número de separações justificava a realização e publicação de uma pesquisa sobre a sexualidade que desvinculava as práticas sexuais da função reprodutiva. A insistência em apontar esta preocupação pode ser entendida como uma tática, no caso do *Relatório Kinsey*, para que a investigação fosse considerada válida pelos órgãos financiadores do governo americano. Porque, a despeito da preocupação com “ o coito conjugal” em seus vários capítulos o relatório publicizava práticas comuns praticadas no dia-a-dia que receberam um tratamento objetivo e sem constrangimentos. O que é inédito na literatura médico-sexual pois relatava experiências de pessoas consideradas “ normais” , sem problemas psicológicos, o que legitimava estas práticas como expressões de sexualidades saudáveis. Como exemplo podemos citar: a importância da masturbação feminina, a manipulação clitoriana, o orgasmo clitoral e não vaginal, o contato boca-genital (*fellatio e cunnilingus*), o coito anal, o orgasmo conjugal, o coito extraconjugal e o coito pré-conjugal.

Além das revistas que pesquisamos, os dados estatísticos e análises foram utilizados como referência nas enciclopédias sexuais publicadas na década de 1970.⁹ Encontramos dois exemplares, de “ guias do casal moderno” , publicados pela editora três, o primeiro publicado em 1972 *Vida a dois: Enciclopédia do casal de hoje*¹⁰ e outro publicado no início dos anos 1980 intitulado *A Arte de Amar: orientação sexual para o jovem de hoje*, elaborado por Maria Helena Matarazzo (1984). Tais exemplares foram significativos para nossa pesquisa pelo modo como incorporaram as informações do *Relatório Kinsey* e de ser mais uma publicação que tinha por objetivo a educação sexual do casal.

As estatísticas do Relatório Kinsey foram utilizadas para exemplificar a veracidade da informação dada. Um exemplo é quando se incentiva as mulheres a prática do sexo oral:

Em relação ao sexo oral (você pode estimular com a boca os genitais do seu companheiro) acreditava-se antigamente que era uma perversão. Entretanto o Relatório Kinsey, o maior estudo feito até hoje sobre sexualidade humana,

⁹ Tivemos a oportunidade em adquirir em um sebo em São Paulo exemplares das “ Enciclopédias Sexuais” que através de uma linguagem cotidiana, como as revistas, tornaram temas anteriormente reservados aos livros médico-científicos mais acessíveis a um público mais amplo.

¹⁰ Os temas tratados nesses guias eram semelhantes aos que observamos nas revistas, direcionados à manutenção do casamento. Em *Vida a dois: Enciclopédia do casal de hoje* temos os seguintes temas: “ Inibições Sexuais” , “ Capacidade sexual” , “ Pequenos Fetiches” , “ Frigidez” , “ Não tenha medo das emoções” , Comunicação” , “ O castigo do silêncio” , “ Importância da higiene” , ‘ Beijar é uma arte” , “ O toque amoroso” . No segundo, O “ Caminho Misterioso do Orgasmo” , “ Aprendendo a brigar” , “ Casamento as dez coisas mais importantes” , “ Relações extraconjugais” e “ Balanços no casamento” . (MATARAZZO, 1972).

demonstrou que 50% dos casais praticam sexo oral. Mas muitas mulheres pensam: “ eu não vou fazer isto” .

No amor a gente só faz aquilo que dá prazer. Mas é importante que você saiba que o sêmen tem uma constituição química semelhante à da saliva. Portanto, se você o engolir, ele não vai causar nenhum dano ao seu organismo. (...)

O sexo anal também foi considerado por muito tempo uma perversão. Kinsey constatou que em torno de 15% dos casais praticam-no ocasionalmente. (MATARAZZO, 1984, p. 91-95)

Através deste fragmento observamos algumas das orientações sexuais que buscaram estimular às mulheres a assumir novas atitudes no sexo. A frequência relativa na vida cotidiana de determinadas práticas que haviam sido “ perversas” em outras épocas foram resgatadas pelo *Relatório Kinsey* para o campo da normalidade.

Esses debates públicos sobre a vida íntima do casal eram acompanhados pela ideia que era vital alcançar o máximo de prazer para a boa saúde física e emocional dos indivíduos, pressionando especialmente as mulheres a modificarem sua conduta sexual. Porém, a ordem que estava implícita, apesar de enfatizarem que o que devia ser feito era o que agradava a ambos os parceiros, é explicitada no exemplo utilizado por Matarazzo, se “ 50% dos casais americanos faziam sexo oral” , por que as brasileiras não poderiam fazer o mesmo, para ajudar a excitar seus “ companheiros” ?!

Entendemos que havia uma preocupação em esclarecer às mulheres brasileiras que certas formas de prazer, de acordo com as pesquisas científicas, eram práticas comuns entre os casais americanos, e que aqui poderia acontecer o mesmo, que as mulheres poderiam adotar essas “ novas práticas sexuais” . Tais argumentações

reafirmavam a concepção de que cabia aos indivíduos transformarem-se intimamente para por fim aos problemas gerados pela “ repressão social” da sexualidade. Essas observações consideravam que as experiências sexuais dos sujeitos, anteriores à “ liberação sexual” , obedeciam às regras impostas pela Igreja ou pelos médicos, pelos discursos normatizadores da sexualidade. É importante apreender que esta multiplicidade de discursos científicos contribuiu para a “ normalização social” de práticas já existentes e tratadas como “ imorais” em outras épocas e por outros produtores de enunciados, como a Igreja e a medicina do final do século XIX.

O *Relatório Kinsey* visibilizou uma diversidade de experiências sexuais que se tornaram temas de discussões públicas, assunto nas conversas de um público maior que anteriormente eram discutidos, como observa Parker (2001, p.148), “ apenas no confessionário católico, ou, mais tarde, nas anotações dos médicos” , ou “ nos debates dos sexologistas ou dos educadores sexuais profissionais” .

Discordamos da ferocidade da crítica de Jean-Claude Guillebaud (1999, p. 140) em seu estudo sobre os estudos científicos da sexologia moderna em relação ao *Relatório Kinsey*. No sentido de denunciar o “ incrível reducionismo” da sexualidade a uma função meramente biológica pelos estudos da sexologia moderna, ignora os aspectos positivos desses estudos. Compreendemos que tal reducionismo crítico na análise destas obras não o permitiu perceber a importância destes relatórios em fornecer conhecimentos sobre a sexualidade ignorados pelos sujeitos. É importante lembrar que, ao mesmo tempo, que tais estudos normatizaram a sexualidade dentro de

determinadas concepções, também liberaram outras possibilidades de autorreflexão dos sujeitos, produzindo efeitos muito além dos limites do mundo normativo construídos pelos discursos científicos. Contudo, é importante ressaltar que não estamos querendo dizer que o conhecimento leva obrigatoriamente a satisfação erótica, mas também não concordamos que não contribui para nada, é mais seguro argumentar que há muitas variáveis no que se refere à constituição da subjetividade sexual dos indivíduos.

Na história da sexualidade, como bem lembra Peter Gay (1988, p.105-110), é mais fácil ter acesso a história do proibido, dos fracassos, das derrotas, das histórias infelizes, do que às histórias felizes. Este é um cuidado que devemos tomar, para não transformar os discursos do mundo “ normativo” , dos discursos que diziam o que era para ser feito com o que era vivenciado, abrindo portas para fazer uma história não só de tristezas, dominação e controle, mas uma história onde também há espaços para a felicidade e autonomia dos sujeitos, enfatizando a possibilidade de vivências diversas.

Nesse sentido, é que consideramos importante tratar do conhecimento produzido em pesquisas que objetivavam analisar o que estava se passando em uma área particular da atividade social, a sexual. Tais pesquisas quando foram divulgadas instigaram debates que se tornaram de domínio público amplo, servindo para modificar opiniões e experiências das pessoas. O caráter científico, de tais informações ajudaram a “ neutralizar” as inquietações morais em relação “ à adequação de práticas sexuais peculiares” (GIDDENS, 1993, p. 40).

Nesta perspectiva, a publicização do *Relatório Kinsey* nas revistas expôs a diversidade extraordinária de práticas sexuais e abalou os discursos médicos e religiosos que garantiam que a maioria das pessoas encontravam satisfação no casamento monogâmico, as relações pré-matrimoniais foram valorizadas. Mas isto não significa que suas propostas foram adotadas automaticamente. Suas enunciações provocaram debates e polêmicas sociais sobre práticas sexuais íntimas que disponibilizaram outros modelos de condutas sexuais.

Para uma melhor compreensão do impacto deste relatório, basta observar os temas apresentados em seu índice geral: desenvolvimento sexual na pré-adolescência, masturbação, sonhos sexuais noturnos, carícias pré-conjugais, coito pré-conjugal, coito conjugal, coito extraconjugal, reações e contatos homossexuais, contatos com animais, expansão sexual total, anatomia da reação sexual e do orgasmo, fatores psicológicos na reação sexual, mecanismos nervosos da reação sexual e fatores hormonais na reação sexual (KINSEY, 1954, p. 3).

A frigidez feminina analisada por Kinsey foi destaque na revista *EleEla* (1975, p. 67):

As pesquisas de Kinsey revelaram que a frigidez feminina não existe; que muitas mulheres só conseguem chegar ao orgasmo através da masturbação; que as experiências pré-matrimoniais são capitais para um bom desenvolvimento da sexualidade.

Observamos que no início da década de 1970 os artigos das revistas eram sutis no tratamento dos temas do *Relatório Kinsey*, o destaque maior era dado à importância

da adaptação sexual no casamento. No decorrer dos anos 1970 os textos passaram a dar maior destaque às discussões sobre os efeitos da liberação sexual das mulheres e o livre exercício da sexualidade e as diferentes formas de desenvolver o “ potencial sexual” por inteiro.

O sexo realizador para a mulher só é conseguido com alguma experiência e não da primeira vez.

Apesar de todos os preconceitos relacionados com a masturbação, é através dela que a mulher mais se descobre. Mas muitas acreditam no mito de que isso possa levá-las à frigidez, torná-las estéreis para a vida a dois.

Outras, entretanto, não compartilham dessa opinião e vão mais além defendendo a opinião de que para conseguir o orgasmo devem se masturbar, pois a relação sexual tradicional não as satisfaz. Afirmam que é preciso o estímulo do clitóris e como os homens em sua maioria não se dispõem a excitá-las, a masturbação é o único caminho alternativo. (...)

O centro da sensibilidade sexual feminina é clitoriano, o equivalente feminino do pênis. (PAIS E FILHOS, 1977, ENCARTE)

Os estudos de Kinsey trouxeram à cena o clitóris e o prazer clitoriano. O clitóris foi descoberto, de acordo com Thomas Walter Laqueur, em 1559 por Cristovão Renaldus, e no século XIX deu lugar à invenção do orgasmo vaginal de Freud (LAQUEUR, 2001, p. 280-281). Segundo Laqueur, após quatrocentos anos ou talvez até mil anos surgiu de repente um outro ponto de prazer sexual nas mulheres” – o interior da vagina. Antes de 1905 “ ninguém pensava que houvesse qualquer outro tipo de orgasmo feminino que não o clitoriano” (LAQUEUR, 2001, p. 280-281).¹¹

¹¹ Laqueur mostra que já no século XIX era impossível que Freud não soubesse que “ não havia qualquer evidência anatômica ou fisiológica da declaração de que ‘ a suscetibilidade erotógena à

Para Laqueur, a “ história do clitóris é uma parábola da cultura, de como o corpo é criado de uma forma valiosa para a civilização” (LAQUEUR, 2001, p. 281). Esse autor mostra que em uma época em que a igualdade dos cidadãos proclamada pela Revolução Francesa colocava em questão a supremacia dos homens no espaço público, a ciência foi chamada para definir a passividade feminina na vida pública amarrada a sua suposta passividade sexual. Além disso, o clitóris era de “ fácil reação ao toque” , o que tornava “ difícil domesticá-lo para o coito reprodutivo heterossexual” (LAQUEUR, 2001 p. 285). Freud sabia que o ponto natural do prazer erótico era o clitóris, que competia com o ponto culturalmente e politicamente necessário, a vagina.¹²

Kinsey questionava os psicanalistas e clínicos que insistiam “ em que somente o estímulo da vagina e o orgasmo vaginal” poderiam “ fornecer culminação psicológica satisfatória à atividade de uma mulher sexualmente madura” . (KINSEY, 1954, p. 546). Conforme o relatório, era difícil “ à luz de nossos atuais conhecimentos sobre a anatomia e fisiologia da reação sexual, compreender o que significa orgasmo vaginal” (KINSEY, 1954, p. 546).¹³ As ideias de Freud de que o amadurecimento psicosssexual

estimulação’ é transferida com sucesso durante o amadurecimento da mulher “ do clitóris para o orifício vaginal” (LAQUEUR, 2001, p. 280-281).

¹² A ação da cultura e dos fatos sociais sobre o corpo na linguagem da ciência é destaque na obra de Laqueur (2001, p. 288) sobre a construção cultural das diferenças do sexo.

¹³ Neste momento, Kinsey utiliza estudos da anatomia do início do século e não faz referências aos estudos da anatomia no Iluminismo (que desde o século XV) produziram conhecimento sobre a anatomia de homens e mulheres (LAQUEUR,2001, p. 286).

seria responsável pelo desenvolvimento da sensibilidade vaginal é questionado e rejeitado pelas provas anatômicas e fisiológicas que Kinsey apresentava.¹⁴ Destacava, ainda, o relatório que muitas das mulheres que participaram do estudo ficaram muito perturbadas psicologicamente “ porque não conseguiam alcançar o ‘ orgasmo vaginal’ esta “ impossibilidade biológica” .¹⁵

Outra importante questão analisada e visibilizada pelo *Relatório Kinsey* foi o orgasmo através do autoerotismo feminino e da manipulação do clitóris – “ o faça você mesmo” . No capítulo cinco, deste estudo, afirmava-se que através da prática masturbatória as mulheres atingiam “ com mais freqüência o orgasmo” , mais do que no “ coito conjugal” e que antes do casamento em 95% dos casos era a maneira mais eficaz, para atingir o orgasmo (KINSEY, 1954, p. 155). Acrescenta-se ainda “ que todas as mulheres se masturbam a fim de obter satisfações imediatas e como meio de

¹⁴ Laqueur afirma em seu estudo que Freud no século XIX devia saber que ele escreveu na “ linguagem da biologia a respeito da mudança da sensibilidade erotógena do clitóris para a vagina não se baseava em fato algum da anatomia ou fisiologia” . Dessa forma, aponta Laqueur, Freud prescreveu nos corpos as ideias do social. (LAQUEUR, 2001, p.287).

¹⁵ Vale registrar a informação dada pela revista *Super Interessante*, em junho de 2003, que em 1980, dois médicos chamados Jonh Perry e Beverly Whipple, reafirmaram em sua pesquisa a existência do ponto G, que teria sido descoberto em 1950 por um ginecologista obstetra alemão Ernst Grafenberg, A existência ou não do ponto G provoca polêmicas. Alguns especialistas dizem que ele não existe, outros concordando com Perry e Whipple, “ afirmam que o ponto G existe, como provoca orgasmos totalmente diferentes, que seguem uma rota nervosa diferente do clitóris” . Para os que não acreditam em sua existência estes são orgasmos que “ não passam de reflexo da estimulação indireta do clitóris” . Estas informações mostram que a ciência continua preocupada como o prazer feminino e continua sendo usada para informar os leitores sobre o que é possível sentir na hora do sexo. Ver: A ciência do sexo. In. *Super Interessante*. Edição 189, junho de 2003, p. 37.

resolver as perturbações fisiológicas que surgem quando são excitadas sexualmente e os costumes sociais a impedem de ter contatos sócio sexuais” (KINSEY,1954, p. 187).

Neste contexto, a “ frigidez” feminina e as dificuldades de as mulheres alcançarem o orgasmo não seria mais um problema apenas da mulher. Foi apresentado como resultado do “ sistema de repressão sexual” a que foram submetidas durante suas vidas. Cabia especialmente às mulheres a responsabilidade pelo seu próprio prazer. Embora, em alguns momentos, os homens fossem questionados em torno de suas atitudes no “ leito conjugal” , apresenta-se o autoerotismo como uma possibilidade de autoconhecimento para ampliar o desejo sexual feminino.

Esta compreensão foi mostrada em 1975, em *EleEla* (1975, p. 102), em um “ informe científico” , a “ Masturbação: um antigo tabu” , era destaque:

A masturbação recebeu durante séculos a condenação que sempre recaiu sobre toda atividade sexual que não tinha por objetivo a reprodução da espécie. Seus efeitos levariam a toda espécie de doenças. Para castigá-la chegava-se às práticas mais cruéis. As pesquisas sexuais modernas vieram revelar o que a masturbação realmente é: uma prática sexual universal, comum a todas as etapas da vida e que não é mais ou menos prejudicial que uma relação heterossexual.

Cabe ressaltar, que a insistência em torno de alguns aspectos dos resultados das pesquisas sexuais nas revistas como padrões válidos para todos, mesmo que não fossem apresentados desta maneira, não deve ser visto como o que vai ser efetivamente adotado pelos sujeitos na realidade, são possibilidades de ação. O que nos faz vislumbrar que o culto midiático ou científico sistemático de determinadas

posturas não indicam que no momento do encontro sexual sejam elas que se manifestem. No encontro amoroso, é possível que os modelos eróticos sejam colocados, como sublinham Bruckner e Finkielkraut:

(...) a reboque da história dos amantes: estes com sua geografia íntima, de movimentos indecisos, anulam os dados clássicos da topologia, da geodésia, da planimetria, da hidrografia, dispersam os mapas, abandonam os antigos traçados, interrompem sua supremacia. E fazem pouco caso de toda a ciência do Kama Sutra ou qualquer outro livro do amor, edificam para si mesmos o mapa de seu Carinho-Sutra. (BRUCKNER & FINKIELKRAUT, 1981, p. 221)

Masters & Johnson: As dificuldades sexuais do casal

Nas revistas da década de 1970 a “liberação” da sexualidade estava associada ao aumento do número de separações, aos debates em torno da aprovação do divórcio e aos reflexos dos movimentos de emancipação feminina no relacionamento sexual conjugal. Os discursos demonstravam inquietações em relação à manutenção do casamento. Reafirmavam o casamento como essencial na vida das mulheres, e buscavam a resolução das dificuldades sexuais do casal como central para a saúde da relação. As mulheres eram encorajadas a exigir o prazer e a satisfação sexual e simultaneamente eram exibidas as ansiedades produzidas diante das novas exigências das mulheres.

A incidência de artigos sobre os desencontros entre homens e mulheres e a crise do casamento e da família são sugestivos sobre os motivos sociais que possibilitaram uma sexualidade mais “livre”, desde que associada ao

relacionamento conjugal. Alguns termos sexuais passaram a ser utilizados com mais frequência como “ orgasmo” , “ clitóris” , “ vagina” e “ pênis” .

Anteriormente, esses termos eram substituídos por longas e minuciosas explicações para o “ ato do amor” :

Enquanto as leis da reprodução se entrelaçam de maneira quase perfeita, o mesmo não se dá quanto às do prazer. Hoje sabemos que, tanto quanto o homem, a mulher pode alcançar o prazer caracterizado por uma série de fenômenos físicos bem determinados; mas não tão rapidamente quanto ele. Os fenômenos que se produzem em seus órgãos evoluem de maneira mais lenta, tanto na fase ascensional quanto na de relaxamento. No curso de uma pesquisa realizada com a ajuda de voluntários, os sexólogos americanos Willian Masters e Virgínia Johnson estabeleceram curvas comparativas do prazer feminino e masculino, fonte de inúmeros desacordos do casal. O principal fator do desenvolvimento é, sem dúvida o tempo consagrado ao ato amoroso. Para que a mulher possa alcançar a plenitude – e sobretudo se o casal deseja alcançá-los ao mesmo tempo – esse fator tem que ser levado em conta. (ELEELA, 1969, p. 8)

Neste artigo de 1969, da revista *EleEla*, foi feita a primeira referência ao trabalho de Willian H. Masters e Virginia E. Johnson. Masters e Johnson, foram os criadores da Fundação de Pesquisas em Biologia da Reprodução em St. Louis, nos Estados Unidos, ele era ginecologista e ela psicóloga. Tornaram-se conhecidos através de seus estudos sobre a “ fisiologia sexual” , iniciados em 1954. Em 1959 começaram “ a aplicação clínica de seus estudos com um longo programa de tratamento da inadequação sexual” (MASTERS & JOHNSON, 1973, p. 266).

Observamos que suas pesquisas e obras foram mais citadas nas revistas do que o *Relatório Kinsey*. O que para nós é demonstrativo da importância e da preocupação

das revistas em disponibilizar a seus leitores informações sobre a resolução dos problemas sexuais do casal. É importante lembrar o destaque dado ao aumento número de separações e o debate em torno da aprovação do divórcio no acirramento dessas preocupações.

Sendo a “ inadequação sexual” apontada como culpada pelo fracasso dos casamentos, muitos artigos tratavam das “ dificuldades sexuais do casal” . Diante da “ crise do casamento” e da “ família” os estudos desses autores mereceram destaque nas revistas, embora permanecesse bastante restrito o uso das informações apresentadas em suas obras nos artigos. As revistas limitavam-se a apontar os principais pontos, dando maior destaque à necessidade de mudança das mulheres para resolver os problemas conjugais. Nas revistas os homens foram retirados de cena e as mulheres coube a responsabilidade pelo sucesso da “ relação” .¹⁶

Na primeira obra do casal *A conduta sexual humana* (1969), que era síntese de uma pesquisa sobre a anatomia e a fisiologia sexual humana iniciada em 1954, e resultado de um projeto elaborado junto ao Departamento de Ginecologia e Obstetrícia da Escola de Medicina da Universidade de Washington. Decorrente desse estudo, em 1959 instituiu-se um programa coordenado de pesquisa clínica em problemas de

¹⁶ Entre os vários artigos merecem destaque: “ Como prender o seu marido” (ELEELA, nov.1970); “ Uma Orientação Médica para mulher casada” . (ELEELA,1972, p. 76); ‘ Sexualidade, amor e casamento” . (AUBERT, 1974, p. 160); “ Deve existir um jeito de impedir que o sexo vire rotina: Claro que existe!” (NOVA,1975, capa); “ Prepare-se para o casamento ou não case” (NOVA, junho 1976, p. 42). As dificuldades sexuais do casal (E seu tratamento). (AYMORÈ, 1971- ENCARTE); “ Os segredos para você se tornar uma amante inesquecível revelados por uma mulher” (MONTANA, 1978, p. 29).

inadequação sexual humana. A partir de janeiro de 1964, esses programas continuaram sob os auspícios da Fundação de Pesquisa e Biologia da Reprodução. As pesquisas buscavam compreender as respostas fisiológicas e psicológicas durante a relação sexual, utilizando homens e mulheres voluntários.

No prefácio da obra é feita a defesa da necessidade da pesquisa em torno da fisiologia sexual destacando a importância de uma “ análise objetiva e científica” para a compreensão da “ inadequação sexual humana” , que “ é a única e maior causa de destruição da unidade-família e do divórcio neste país (os Estados Unidos)” (MASTERS & JOHNSON, 1981, p. 5).

O “ vaginismo” , anorgasmia – a impossibilidade de alcançar orgasmo (na mulher)– e impotência e ejaculação precoce – impossibilidade de ejaculação intravaginal (no homem) eram apontados como “ dificuldades sexuais” responsabilizadas pelas crises conjugais.

Para resolver os problemas do casal o método desenvolvido por Masters e Johnson baseava-se no diálogo constante entre os parceiros e o aprendizado de técnicas sexuais que agradassem a ambos. No entanto, lendo *O vínculo do prazer* (1975), observamos como as revistas se utilizavam dos argumentos desses autores, e como os recortes que os articulistas fizeram na leitura da obra davam maior destaque ao papel que a mulher tinha no casamento. Na obra, o homem também era questionado e avaliado como a mulher. No método terapêutico criado por eles, os problemas sexuais de um casal tinham cura e deveriam ser buscados por ambos, através do diálogo e da

mudança também nas posturas masculinas. Através das pesquisas que realizaram vai se admitindo que homens e mulheres têm as mesmas necessidades sexuais e uma nova sexualidade feminina vai sendo visibilizada.

Por exemplo, na obra *A conduta sexual humana* no capítulo sobre a resposta sexual feminina, tratando-se da estimulação do clitóris enfatiza-se que:

Apenas as posições femininas superior e lateral permitem que, durante o coito, se realizem, com facilidade, estimulação direta ou primária do clitóris. Nessas posições, o clitóris pode ser estimulado diretamente, caso seja mantida a posição entre a sínfise masculina e feminina (MASTERS & JOHNSON, 1981, p. 69).

A respeito da posição do homem sobre a mulher, conceituada como “ supina usual” , comentam:

[...] a falibilidade clínica dessas sugestões é agora evidente. A menos que o companheiro faça um esforço específico para colocar a haste do pênis em oposição direta à área total do monte de Vênus, o clitóris não será estimulado diretamente pelo roçamento do pênis com a mulher na posição supina usual. É difícil para o homem manter uma posição por cima, cansativa, à medida em que aumentam as tensões sexuais, particularmente se a mulher não apresentar relaxamento, por parte do canal vaginal. A mulher nulípara nem sempre é capaz de reter o pênis em posição pélvica por cima, sem queixar-se de desconforto vaginal ou retal.

Outra objeção à posição masculina por cima é que ela impede a penetração vaginal completa no ápice do roçamento do pênis. Assim, a estimulação mútua que deriva da sensação de mergulho vaginal, para o homem, e de distensão sem saída para a mulher, é em parte perdida pelos dois parceiros sexuais. A intensidade da resposta pode ser prejudicada se a mulher tentar, desastradamente, colocar a glândula clitoriana em contato direto com o pênis” . (MASTERS & JOHNSON, 1981, p. 70).

Sobre a manipulação do clitóris, evidenciavam que:

Conforme foi dito anteriormente, não há duas mulheres que pratiquem a automanipulação de forma semelhante. Em vez de seguir qualquer plano preconcebido de estímulo de sua companheira, o homem será infinitamente mais eficaz se encorajar a vocalização por parte dela. A mulher conhece melhor que ninguém as áreas de seus focos sensuais mais fortes e a rapidez e intensidade da técnica manipuladora que lhe dá o mais alto grau de estimulação sexual (MASTERS & JOHNSON, p. 76).

Esses fragmentos mostram análises que estavam presentes na obra, mas que não apareceram nas revistas, como observamos nos artigos lidos. As revistas não debateram o “ controle masculino” do ato sexual ao expressar veladamente a possibilidade de modificações nas posições sexuais. Embora, como já vimos, fossem evidenciadas a quebra de todos os tabus da relação sexual, não eram indicadas as mudanças nas atitudes do homem. Em nenhum dos artigos a posição da mulher “ sobre o homem” abrindo espaço para a iniciativa feminina e para um sujeito do desejo feminino foi apresentada.¹⁷ Dessa forma, as revistas expressavam imagens que destacavam uma sexualidade marcada pelo domínio do ato sexual pelos homens– o sujeito do desejo apresentado era masculino.¹⁸ No entanto, no Relatório Hite, alguns

¹⁷ Sobre esse medo de “ o homem acabar por baixo” , Peter Gay mostra que no século XIX a “ insistência que o homem permanecesse por cima” , estava presente até mesmo nos livros que valorizavam a sexualidade. Para este autor, “ o moralismo relativo a posição do coito expressava outras preocupações” em relação aos outros riscos de tais mudanças (GAY, 1988, p. 119).

¹⁸ Também é importante mencionar as interdições da censura do Departamento de Costumes e Diversões Públicas, da Polícia Federal. Tais intervenções interferiram tanto nas fotografias como nos textos, que não deviam incluir temas que questionassem “ padrões morais” e que dessem visibilidade a novas práticas sexuais. Entretanto apesar da censura ter comprometido a autonomia das revistas, muito foi dito pela criatividade dos editores e articulistas, bem como pela falta de eficiência da censura.

dogmas e desafios foram lançados para as mulheres que lutavam para ultrapassar dogmas e que enfrentavam desafios.

O *Relatório Hite*: a valorização da autonomia sexual das mulheres

Observamos que apenas no final da década de 1970, foi dada visibilidade nas revistas a algumas mudanças necessárias na vida sexual por parte dos homens, para que as mulheres alcançassem o prazer. Os dados do Relatório Kinsey em torno dos homens não aparecem nas revistas, mas os dados de um outro relatório, contendo a resposta de 3.019 mulheres americanas provocaram polêmica, e colocaram em questão as práticas sexuais masculinas, ao informar que “ a maioria das mulheres não atingia o orgasmo” (HITE, 1980, p. 149).

Em 1977, na revista *Pais & Filhos*, em um encarte fechado sobre “ O que a mulher moderna quer do sexo” , eram apresentados os resultados do *Relatório Hite*:

Um relatório, contendo as respostas de 3019 mulheres sobre a maneira como vivem suas experiências sexuais, foi recentemente publicado nos Estados Unidos. Trata-se do Relatório Hite, um livro já famoso e em sua terceira edição, preparado a partir de 100 mil questionários que a ex- modelo e atual feminista Shere Hite enviou a mulheres das mais diversas idades e profissões. Entre muitas revelações uma foi particularmente desconcertante: na relação sexual a maioria das mulheres não atinge o orgasmo. (O que a mulher moderna quer do sexo? PAIS E FILHOS, 1977, ENCARTE)

O *Relatório Hite* foi uma fonte de inspiração dos articulistas e redatores das revistas que pesquisamos, publicado nos Estados Unidos, em 1976, com depoimentos de mulheres americanas que mostravam suas insatisfações em torno de seus

parceiros. Seus resultados chegaram aos leitores brasileiros e suscitaram indagações inéditas nas revistas sobre o prazer feminino e a igualdade de direitos sexuais entre homens e mulheres. O destaque dado nas revistas ao prazer clitoriano, à estimulação manual do clitóris e a inclusão do clitóris nas orientações para os homens, para que a mulher atingisse o prazer, referência a publicação do “ famoso” Relatório (PLAYBOY, 1978, p.29).

No Brasil o *Relatório Hite* esteve proibido até 1978 pela ação da censura durante o período militar. Os motivos de sua proibição e posteriormente sua liberação, com a inclusão de uma tarja comunicando “ venda proibida para menores de 18 anos” , são expressos pelos conteúdos dos inúmeros fragmentos escolhidos por Shere Hite,¹⁹ dos questionários respondidos, em 1974 e 1975, pelas mulheres americanas que apresentavam relatos minuciosos de suas “ práticas sexuais” .

Os depoimentos, escolhidos por Hite, destacavam a “ insatisfação sexual” das mulheres no “ intercuro sexual” e o aprendizado da mulher sobre seu corpo e sua sexualidade. A penetração masculina é desconsiderada como essencial para o prazer feminino, destacando-se que apenas 30% das mulheres gozavam durante a relação sexual sem necessitar de estimulação manual clitoral para o orgasmo. Shere Hite

¹⁹ Shere Hite fez doutorado no Departamento de História da Universidade de Columbia. Cabe ressaltar que em 1981 foi lançado nos Estados o *Relatório Hite Sobre a Sexualidade Masculina*. Embora tenhamos realizado sua leitura, optamos por não fazer maiores referências neste estudo por não ter sido publicado ou citado nas revistas conforme o recorte temporal definido para nossa pesquisa. No Brasil temos a primeira publicação em 1981. Ver: Hite (1981).

enfaticamente: “ Com outras palavras a maioria das mulheres não gozam regularmente como decorrência do coito” (HITE, 1980, p. 149). Tais considerações objetivavam questionar a forma como se definia as relações sexuais entre homens e mulheres, de maneira que não mais refletissem “ estereótipos culturais opressivos e ultrapassados” . A necessidade de modificar o modelo de relação sexual entre homens e mulheres era a questão central defendida no *Relatório Hite* (1980, p.281):

O modelo reprodutivo do sexo garante o orgasmo masculino ao conferir-lhe um momento um lugar padronizado, em que as duas pessoas sabem o que fazer para o homem gozar. A coisa toda é pré-arranjada. Trata-se de um acordo prévio. Mas não há padrões ou arranjos especiais para a mulher gozar- a não ser que ela consiga gozar durante a relação. Assim as mulheres são colocadas na posição de pedir algum estímulo extra, um algo mais; ou então subliminarmente enviar mensagens a um parceiro que na maioria das vezes nem se toca que devia prestar atenção. Se a mulher consegue esse algo mais, sente-se agradecida por ele ter sido extraordinariamente “ sensível” . E quase sempre as mulheres simplesmente ficam sem orgasmo- ou simulam.

Os sentimentos e as impressões das mulheres que não tinham “ orgasmo” foram apresentados para registrar o peso que o “ medo” de ser “ frígida” assumiu na vida dessas mulheres a partir do destaque dado ao “ prazer orgásmico” pela “ revolução sexual” . Apreensões como “ eu me sinto julgada e me julgo quando não tenho orgasmo” são acompanhadas de outras que desejavam “ fazer sexo sem orgasmos” (HITE, 1980, p. 62-63). Essas insatisfações femininas não são naturalizadas, mas explicadas pela carga cultural que as impedem de serem mais ativas nas relações sexuais. Os discursos caminhavam no sentido de desconstruir a

“ glorificação do impulso sexual como masculino” , que “ definem o ‘ homem normal’ como alguém faminto pelo ato sexual” e da mulher como passiva e receptiva” (HITE, 1980, p. 352). Nesse sentido, ela questiona, ainda, a ciência que leva a crer que a maior iniciativa masculina é produto dos hormônios do homem, que chegam até a provocar “ dores” quando os homens não são satisfeitos. Essas “ dores” seriam debeladas pelo orgasmo por aliviarem as tensões musculares – mas não por qualquer pressão acumulada nos seus testículos” (HITE, 1980, p. 352).

O trabalho de Hite trouxe à discussão o direito das mulheres em dizer “ não” , questionando o entendimento de que a “ revolução sexual” significava para elas mulheres fazer sexo pela obrigação de mostrarem-se livres. De acordo com Hite, ser livre era poder conversar com igualdade sem medo de assumir suas opiniões²⁰.

E para que a falta de disposição para o sexo não fosse apontada como um sinal de “ disfunção sexual” , uma das preocupações do Relatório era a desconstrução do “ mito” da frigidez feminina. O orgasmo continuava sendo considerado como importante para a saúde sexual das mulheres, todavia as mulheres alcançavam o prazer de formas diferentes daquelas apontadas como importantes para os homens, que se caracterizavam pelo papel central da penetração vaginal e ejaculação.

O autoerotismo feminino, já destacado por Kinsey, é reforçado em capítulos específicos sobre a “ Masturbação” e o “ Estímulo Clitoral” . Hite argumenta que a

²⁰ Em 1974, Marina Colasanti, escreveu um artigo intitulado *A alternativa do não medo*. Neste artigo a autora defendia o direito das mulheres de dizerem “ não” (Nova, 1974, p. 33).

satisfação da mulher é uma necessidade para evitar as “conseqüências piores” da falta do orgasmo. Além dos males físicos, segundo Hite, já citados por Masters e Johnson, “que descreveram mulheres que não conseguem ter orgasmos como irritáveis, emocionalmente perturbadas, e queixando-se de inchaço pélvica, pressão, câimbra, dor local” ; as piores conseqüências da falta do orgasmo na mulher são psicológicas” (HITE, 1980, p. 221).

Consideramos que esta seja a diferença básica entre o *Relatório Hite* e o *Relatório Kinsey* e as obras de Masters e Johnson. Hite tem por objetivo destacar o significado psicológico para as mulheres do modelo de relação sexual reprodutiva, reforçando a ideia de que as construções culturais é que interferem na vivência sexual. Essas são as transformações mais importantes e necessárias ao equilíbrio físico e psicológico dos indivíduos. Kinsey tinha por objetivo mostrar os tipos de comportamento sexual humano e a incidência e a freqüência de determinadas práticas sexuais. Masters e Johnson objetivavam estudar a fisiologia sexual no sentido de identificar as principais características das reações sexuais orgânicas e definir quais seriam os principais problemas e seus tratamento.

Vale informar, ainda que Hite utiliza frequentemente as informações de Kinsey e Masters e Johnson, em vários momentos do Relatório, para ampliar ou confirmar seus pontos de vista ou para questionar a validade de alguns dos argumentos propostos pelos estudos que realizaram. Uma das principais divergências apontadas por Hite relaciona-se à obrigatoriedade do orgasmo durante o coito. A autora reconhece que

“ Kinsey e seus associados afirmaram a importância do clitóris na sexualidade feminina” , mas não deixaram claro que as mulheres em sua maioria não têm orgasmo durante a penetração (HITE, 1980, p. 151-152).

Em relação a Masters e Johnson, de acordo com Hite, “ a descoberta crucial de sua obra é a de que só há um tipo de orgasmo; de que os orgasmos durante o coito são provocados pelo estímulo clitorial indireto e não pelo estímulo vaginal” (HITE, 1980, p. 153). Mas abordaram o orgasmo no coito como primordial, tratando as mulheres com o objetivo de fazê-las ter orgasmo durante o coito, contribuindo para o rótulo de que a ausência do orgasmo durante a penetração é uma “ inadequação orgásmica no coito” (HITE, 1980, p. 153)

Shere Hite considera que a “ publicidade” exacerbada que foi dada “ à afirmação de Masters e Johnson, de que o clitóris é estimulado indiretamente durante os movimentos do pênis” , foi responsável pela impressão de muitas mulheres de “ que não ter orgasmo durante o coito é ser ‘ doente’ e ‘ anormal’ – ter uma disfunção” e que se deve esperar o orgasmo durante o coito como parte do curso “ normal” e automático das coisas” (HITE, 1980, p. 153, p. 186). Para Hite (1980, p. 218) “ há duas razões para as mulheres não gozarem” durante a relação sexual:

[...] as informações falsas de que o movimento do pênis na vagina provocará o orgasmo, e a intimidação contra a exploração e o carinho do próprio corpo- diz-se que a masturbação é ruim e que não devem proceder “ agressivamente” durante o sexo com os homens, elas não controlam sua própria estimulação.

A autonomia sexual das mulheres seria assim construída, caso os homens não compreendessem o significado do prazer clitoriano, isto é, deveriam dar conta por si mesmas do seu prazer. Pensamos que esse é um dos objetivos, pois são apresentadas as descrições de “ como se masturbar” no tópico sobre os “ Tipos de masturbação” . Perguntava-se no questionário: Você gosta de se masturbar? (HITE, 1981, p. 6). Os depoimentos são sobretudo instigantes pela visibilidade minuciosa e detalhista da forma como se dava entre as diferentes depoentes a masturbação. Os depoimentos nos questionários foram examinados e divididos em três tipos (HITE, 1981, p. 22).²¹ O primeiro é o manual/clitoral, deitada de barriga para cima. O tipo dois é deitar de barriga para baixo e manipular o clitóris com as mãos ou o vibrador. O último tipo “ se caracteriza por movimentos que pressionam o corpo contra um travesseiro ou outro objeto macio” (HITE, 1980, p. 21-58).

O objetivo de Hite era marcar que tal “ como as características sexuais são, em grande parte, determinadas pela nossa cultura e educação, assim também a cultura determinou as nossas ideias a respeito do que a sexualidade deveria ser a respeito do que o próprio ‘ sexo’ vem a ser” (HITE, 1980, p. 322). “ O sexo e todas as relações físicas são coisas criadas por nós; são formas culturais e não biológicas” (HITE, 1980, p. 322). A liberdade sexual feminina representaria uma maior autonomia e emancipação da mulher em relação ao homem. O direito ao prazer deveria ser

²¹ Nesse momento, na obra apresenta-se o clitóris como um termo que “ recentemente entrou para o uso popular, particularmente graças aos estudos de Masters & Johnson e as escritoras feministas” .

acompanhado do aprendizado de sua própria vontade de ter prazer. A questão central que perpassa todo o *Relatório Hite* (1980, p. 280) era:

O que sente uma mulher que assiste ao gozo do seu homem, inabalável na certeza dos seus direitos, toda santa vez? Trata-se de uma perfeita lição de que ela é antes de mais nada, inferior, oprimida e sempre menos alguma coisa.

A proposta de Hite era que as mulheres controlassem sua própria excitação, tivessem o controle sobre seus próprios corpos e orgasmos, o que representaria um passo importante “ em direção à liberdade” (HITE, 1980, p. 282). A valorização da autonomia sexual feminina, passava conforme Hite, pela mudança nos padrões das relações sexuais com os outros. As mulheres deveriam utilizar o conhecimento de como ter orgasmo na masturbação, “ ao fazer sexo com os homens” (HITE, 1980, p. 281). Os homens controlavam seus orgasmos e as mulheres esperavam pacientemente que lhe dessem o prazer. O *Relatório Hite* pode ser visto como um manifesto à iniciativa feminina no sentido de estimular as mulheres a deixarem de lado o embaraço de dizer e fazer o que querem para ter prazer. Perguntava-se: “ Por que não podemos nos tocar? Por que não podemos fazer tudo que precisamos para ter um orgasmo? ”

Acompanhando todos esses argumentos sobre a importância da sexualidade, discute-se ainda em que medida o sexo é importante “ em si e por si, fora de sua significação no conjunto de nossa vida “ (HITE, 1980, p. 382). Destaca-se a pressão sobre “ as mulheres “ para que digam que gostam de sexo” . Shere Hite aponta que algumas mulheres se ressentem do que ela denomina de “ vulgarização do sexo”

através de sua comercialização e divulgação pela mídia. Quase no final da obra respostas dissonantes são apresentadas para mostrar que algumas mulheres não viam o sexo como “ tão importante” .

Nos ensinam que qualquer dorzinha é uma imensa necessidade sexual e que precisamos satisfazê-las ou somos velhas. Estou ficando cheia com a sexualidade: sempre sexo, sexo e sexo! Sexo não é tudo, nem a finalidade da vida. É muito bom, mas não é tudo! (HITE, 1980, p. 372).

A opção por trazer ao texto esses fragmentos dos recortes apresentados por Hite, é registrar a diversidade de opiniões trazidas pelos conteúdos dos depoimentos apresentados no relatório. Consideramos que, embora seja portador de inúmeras lições e normas, as questões que foram analisadas por Hite, mesmo datadas historicamente nos anos 1970, produzido com base no depoimento de determinados grupos de mulheres americanas, foram lançadas a público, para reflexão, são questões que instigavam a pensar sobre uma cultura sexual que dissesse respeito às necessidades da sexualidade feminina e um modo de relacionamento sexual com os homens, que considere o direito de as mulheres vivenciarem a sexualidade da forma como desejarem, solitárias ou com parceiros(as).

Acreditamos que os ecos das experiências pessoais e da luta de muitas mulheres pela igualdade de direitos com os homens, incluindo o direito ao prazer sexual, podem ser vistos tanto nas revistas como nos estudos dos séxólogos, que não foram apenas indicadores de comportamentos modernos, e podem ter representado para suas leitoras ou leitores talvez mudanças “ revolucionárias” , e não apenas uma

submissão aos ditames do mundo normativo. Entendemos, que foram quebrados “silêncios” ; mesmo que apenas alguns temas sejam aprofundados, outros vieram a reboque.

Referências:

Artigos, Livros e Enciclopédias Sexuais consultadas

AYMORE, Vera. As dificuldades sexuais do casal (E seu tratamento). Encarte.

Pais&filhos, ano 3, n.9, maio de 1971.

AUBERT, Jean Marie. Sexualidade, amor e casamento. *Nova*, ano 2, n.12, set., 1974, p. 160.

ARAÚJO, Diva Maria G.. Masturbação: Um Antigo Tabu. *EleEla*, ano 6, n. 71, mar.1975, p. 67.

COLASANTI, Marina. A alternativa do não medo. Nova: Ed. Abril, ano 2, nº 11, ago., 1974, p. 33.

FILHO, Altair Thury. Sexo, Preconceito e Tabus (Encarte). *Pais & Filhos*, ano 9, n. 9, maio 1977.

KINSEY, Alfred, POMEROY, Wardell B., MARTIN, Clyde E., GEBHARD, Paul H. et alli. *Conduta sexual da mulher*. Rio de Janeiro: Livraria Atheneu S/A, 1954.

MASTERS, Willian H. & JOHNSON, Virginia E.. *O Vínculo do Prazer*. São Paulo: Círculo do Livro S.A., 1975.

_____. *A Conduta Sexual Humana*. 4. ed., Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1981.

MATARAZZO, Maria Helena. *A Arte de Amar: Orientação sexual para o jovem de hoje*. São Paulo: Editora Três, 1984.

_____. *Vida a dois : Enciclopédia do casal de hoje*. São Paulo: Editora Três, 1972.

MONTANA, Débora. Os segredos para você se tornar um amante inesquecível revelados por uma mulher. Playboy, ano 4, n. 49, ago., p.29.

HITE, Shere. O Relatório Hite: um profundo estudo sobre a sexualidade feminina. 10 ed., São Paulo: DIFEL, 1980.

_____. Relatório Hite Sobre a Sexualidade Masculina. São Paulo: DIFEL, 1981.

Revistas consultadas:

ELEELA. Rio de Janeiro: Ed. Bloch, ano 1, n. 6, out.,1969.

ELEELA. Rio de Janeiro: Ed. Bloch, ano 2, nº19, nov.,1970.

ELEELA. Rio de Janeiro: Ed. Bloch, ano 4, n. 43, dez.,1972.

ELEELA. Rio de Janeiro: Ed. Bloch ano 6, nº 70, fev.,1975.

NOVA. São Paulo: Ed. Abril, ano 3, n.20, maio 1975.

NOVA. São Paulo: Ed. Abril, ano 4, n.33, junho 1976.

PAIS E FILHOS. São Paulo: Ed. Abril, ano 9, nº .8, abril, 1977, Encarte)

PAIS E FILHOS. São Paulo: Ed. Abril, nº 9, Nº 7, maio 1977 (ENCARTE)

PLAYBOY. São Paulo: Ed. Abril, ano 4, n. 49, 1978, ago., p.29).

Bibliografia:

BASSANEZI, Carla Beozzo. *Virando as páginas, revendo as mulheres: as revistas femininas e relações homem–mulher, 1954-1964*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira,1996.

BRUCKNER, Pascal & FINKIELKRAUT, Alain. *A Nova Desordem Amorosa*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981, p. 221.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de janeiro: Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. Soberania e Disciplina. In. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

_____. *Sexo, Poder e Indivíduo- Entrevistas Seleccionadas*. - Tradução; Jason de Lima e Silva; Davi de Souza- Desterro: Edições Nefelibata, 2003.

GAY, Peter. *A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud: a educação dos sentidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

GIDDENS, Anthony. *A Transformação da Intimidade: Sexualidade, Amor e Erotismo nas Sociedades Modernas*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

GUILLEBAUD, Jean Claude. *A Tirania do Prazer*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

LAQUEUR, Thomas Walter. *Inventando o sexo: corpo e gênero do gregos a Freud*. Rio de Janeiro: Relumê Dumará, 2001.

PARKER, Richard G. *Corpos, prazeres e paixões. A cultura sexual no Brasil contemporâneo*. São Paulo: Best Seller, 2001, p. 123.

SENA, Tito. *Uma análise dos discursos sobre o corpo e gênero contido nas enciclopédias sexuais publicadas no Brasil nas décadas de 80 e 90*. Florianópolis, 2001. 122p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Santa Catarina.